

CARTA DE DESCARTES AO MARQUÊS DE NEWCASTLE DE OUTUBRO DE 1645¹

de

René Descartes

Tradução de: Beatriz Laporta²

Apresentação

Dentro dos estudos sobre a medicina em Descartes, a partir das decorrências da união substancial, apresentamos uma tradução da carta a Newcastle de outubro de 1645 apoiados na intenção de que, mesmo que o filósofo não tenha apresentado uma ciência médica completa, buscamos enxergar esse relevo pontuado por Descartes em algumas de suas cartas. Dentro do projeto de Sabedoria³, um desenvolvimento surgido é a constatação de que esse projeto pode ser resumido no estudo do ser humano e que este deve ser considerado “vivo”. Assim sendo, Descartes em *Descrição do corpo humano*, por exemplo, afirma que “não há nada mais frutífero que possa nos ocupar, do que o esforço de se conhecer a si mesmo. E a utilidade que se deve esperar deste conhecimento, não diz respeito somente à Moral, como parece inicialmente a muitos, mas particularmente também à Medicina”⁴.

Descartes se dedicou em 1637 a escrever um “resumo de medicina” justificando sua intenção em preservar sua saúde e na esperança de viver mais de um século. Oito anos depois continua escrevendo que a preservação de sua saúde sempre fora seu objetivo principal em seus estudos e quando, em 1647, fala do seu projeto de Sabedoria - que será exposto na Carta-prefácio aos *Princípios da Filosofia* - coloca esse mesmo intento como

¹ [Nota da Tradução] Nessa tradução utilizamos a convenção de referência de Charles Adam e Paul Tannery (domínio público): Oeuvres de Descartes, Correspondance IV. Paris: Léopold Cerf. Imprimeur éditeur, 1901, p.325-330. (CDX. Descartes au Marquis de Newcastle, Egmond, Octobre 1645. Texte de Clerselier, Tome I, Lettre 53, p. 153-157), e cotejamos com a versão do « *Centro di Studi su Descartes e il Seicento dell'Università del Salento Ettore Lojacono (CESDES)* », que possui colaboração com a Universidade de Paris Sorbonne e com a Universidade de Caen, elaborada atualmente em versão online com diretoria da equipe da profª Giulia Belgioioso (EDeX DXXXII / Descartes au Marquise de Newcastle, Egmond-Binnen, octobre 1645. B Let 2094-2098: 525; AT IV 325-330: CDX; Clerselier I 153-157: LIII).

² Mestranda em Filosofia, Universidade de São Paulo (USP). Financiamento: Processo nº 2019/04830-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: laporta.beatriz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1028-5399>

³ [NT] Proposto na Carta-Prefácio aos *Princípios da Filosofia*.

⁴ [NT] DESCARTES, R. *La Description du Corps Humain*, AT XI, p. 223-224.

sua finalidade. De fato, os frutos da árvore (úteis para a preservação da vida do ser humano) são colhidos por último e, metaforicamente, necessitam das demais partes para se estabelecerem.

Em carta a Huygens de 5 de outubro de 1637 Descartes comenta sobre as esperanças na “medicina do porvir” que está planejando escrever ao falar sobre seus “cabelos brancos” e o fato de querer retardar seu aparecimento, enquanto em 4 de dezembro de 1637 responde que tem razões de crer que viverá por mais de um século e afirma fazer um tratamento médico, um projeto bem simples, que eliminaria os erros dos hábitos. Diz também estar trabalhando em um *abrégé de médecine* (resumo ou compêndio) cujas conclusões virão tanto dos raciocínios próprios quanto dos livros⁵. Um mês mais tarde, em 25 de janeiro de 1638, Descartes afirma querer viver mais de um século e afirma também acreditar que isso seja possível se evitar algumas falhas cometidas ao longo da vida. Ainda, em 9 de janeiro de 1639 relata a Mersenne que a maturidade e os estudos de medicina lhe trouxeram o poder de se sentir mais longe da morte do que estivera na juventude. Assim, pode-se delinear que “medicina” recebe um sentido amplo, de cuidado do ser humano buscando os meios materiais e psicológicos para viver o maior tempo possível. Dentro dessa interpretação, a medicina seria uma ciência verdadeiramente útil e, tanto nas *Regras para a direção do espírito* quanto no *Discurso do Método*, obras nas quais Descartes apresenta o intento de uma ciência universal, percebe-se que essa proposta é para melhorar as condições de vida do ser humano.

A carta de outubro de 1645 escrita por Descartes ao Marquês de Newcastle, publicada na edição das Obras Completas de Charles Adam e Paul Tannery, é uma das ocasiões nas quais o filósofo expressa notadamente, ao tratar de temas típicos das paixões, a importância da medicina para seus estudos. Escrita em resposta à carta de 19 de junho que foi perdida, esta carta se insere no longo rol da *Correspondência* mas, diferente de tantas outras, faz parte de um pequeno conjunto. Temos acesso a apenas três cartas de Descartes a Newcastle (CCCLXXII, CDX e CDLX), todas publicadas nas edições AT (p.188, p.325 e p.568) e, de fato, se compararmos com outros correspondentes de Descartes, o filósofo trocou poucas cartas com o Marquês e essa correspondência demorava muito a ocorrer⁶. A primeira data de abril de 1645, seguida de resposta do

⁵ [NT] Contudo, esse texto jamais foi publicado e os manuscritos se perderam.

⁶ [NT] Descartes relata que as cartas do Marquês ficavam meses na estrada até chegarem em sua posse.

Marquês de 19 de junho de 1645; a segunda de outubro de 1645, que trazemos aqui nessa tradução e que possui resposta de 5 de janeiro de 1646; e a última de 23 de novembro de 1646.

As três cartas não variam muito de tema, tratando ou da diferença dos homens e dos animais, ou da circulação do sangue, ou sobre as qualidades sensíveis⁷ (por exemplo, o calor ou frio) e sentimentos (fome e sede), e cuidam de explicar o movimento dos espíritos animais num contexto sempre mecânico, pontos que são melhor expostos no *Tratado das paixões*, obra publicada em 1649. Desses assuntos, Descartes trata também nos *Princípios da Filosofia* parte IV art. 188 e 189; *Dioptrica* IV (AT IV 109); *Dioptrica* VI, (AT VI 141 e 144); *Discurso do Método* (AT VI 55/ AT VI 62); Regra XII; Carta a Mersenne 24 dez 1630⁸; e em carta a Chanut de 1646.

A carta posterior, de 23 de novembro de 1646, trata da diferença entre o homem e o animal, questão muito debatida pelos intérpretes da filosofia cartesiana, cujos problemas fundamentais que surgem rondam a questão se o homem seria de uma natureza radicalmente distinta da natureza do animal ou apenas mais complexa e capaz, isto é, se a diferença seria de natureza ou de grau⁹. De fato, o estudo dos animais, ou melhor, a composição material será como a “porta de entrada” para o estudo da medicina na teoria cartesiana e para aquilo que tange a conservação da saúde. Contudo, a carta de outubro de 1645 ainda não trata dessas questões e nem mesmo das discussões sobre uma medicina terapêutica (que serão feitas posteriormente, no caso da melancolia com Elisabeth da Boêmia), mas já indicam nela uma medicina diferente da pensada em 1630. Dizemos, agora haveria a ideia de uma medicina de si mesmo que consideraria não o corpo do homem em geral, mas o composto particular de alma e corpo.

⁷ [NT] A palavra “sensação” não pertencia ao vocabulário francês de Descartes, no lugar, havia “sentimentos”. Dentro disso, havia os sentidos internos e externos, e as qualidades sensíveis (calor, frio, odor, sabor, etc). “Sentido” também não é definido, podendo apenas ser entendido como um tipo de pensamento que se distingue da imaginação e da inteligência pura.

⁸ [NT] Se Descartes buscava se opor à teoria aristotélico-tomista, uma medicina nova era fundamental. Dentro da proposta de uma nova filosofia, teoria médicas centradas na fisiologia mecânica eram coerentes. Essa medicina foi formalmente apresentada no *Discurso do Método*, no *Tratado do Homem* (este tendo sido composto por longos anos), na *Descrição do corpo humano* e no *Tratado das paixões*. Um ponto em comum é sempre Descartes apresentar o movimento do coração, mais precisamente o calor dele, como a fonte de todos os outros movimentos do corpo.

⁹ [NT] Ou ainda, qual característica deveria ser privilegiada para marcar esta diferença, pois os animais seriam somente animais-máquinas (proposta apresentada no *Discurso do Método*), cuja composição seria puramente mecânica, não incluindo nisso uma alma ou pensamento ou, em resumo, um espírito.

Notamos ainda que havia tempo que Descartes não falava de medicina, ao menos tão expressamente. Desde 1630, em carta a Mersenne¹⁰, não tratava desse assunto, tomando na ocasião da carta a Newcastle uma nova abordagem. Dessa forma, nos parece que Descartes, mesmo não apresentando uma medicina definitiva - pois diz mesmo que ainda estudava sobre isso, não tendo terminado o Tratado dos animais - nessa ocasião, fala que é preferível ao homem sozinho cuidar de sua saúde e seguir os ensinamentos da própria natureza do que seguir aqueles de um médico.

Em se tratando de seu correspondente, William Cavendish (Conde de Devonshire e Conde de Newcastle), conhecido como Marquês de Newcastle:

Conde, então Marquês e finalmente Duque de Newcastle, viveu de 1592 a 1676. Governador do Príncipe de Gales, de 1638 até maio de 1641, ele participou da Guerra Civil e testemunhou a Batalha de Marston-Moor; mas, em 1644, apesar dos impulsos de Charles I, deixou a Inglaterra. Ele desembarcou em Hamburgo em 8 de julho de 1644 e permaneceu lá até fevereiro de 1645; depois foi para Paris, onde chegou em abril e passou os três anos seguintes lá. Em 1648 ele veio para Rotterdam e se estabeleceu em Antuérpia no final do mesmo ano. Suas relações pessoais com Descartes, portanto, só podem ser estabelecidas em 1645 (entre fevereiro e abril) e em 1648. (AT. IV. P.577)¹¹.

Dentro desse conjunto de cartas, o Marquês de Newcastle coloca algumas perguntas a Descartes e, na carta de outubro de 1645, o filósofo diz que responderá às questões, apesar de dizer que não finalizou o Tratado dos animais. Porém, não temos acesso a quais foram essas perguntas. Somente através da carta que aqui traduzimos nos parece que as perguntas rondam sobre como se dá o sentimento de fome e sede e sobre a causa geral de todos os movimentos que existem no mundo. Nessa carta, Descartes começa afirmando que a fome e a sede são sentidas do mesmo modo que todos os objetos dos sentidos externos, por meio dos nervos, e explica esse funcionamento do movimento

¹⁰ [NT] Em 1630 Mersenne escreve a Descartes dizendo que sofria de erisipela e o filósofo responde a Mersenne aconselhando-o a cuidar de si mesmo, pelo menos até que ele tenha descoberto um sistema de medicina baseado em demonstrações infalíveis que estava investigando no momento. Mesmo que alguns meses depois não tenha ainda descoberto, ele diz a Mersenne estar estudando química e anatomia na esperança de que fossem fundamentais para a cura da erisipela. Depois de nove anos, ainda convencido de estar no caminho certo, e após ter dissecado muitos corpos de animais, continua com seu projeto.

¹¹ [NT] “[...] comte, puis marquis, enfin duc de Newcastle, vécut de 1592 à 1676. Gouverneur du Prince de Galles, de 1638 jusqu’en mai 1641, il prit part ensuite à la guerre civile et assista à la bataille de Marston-Moor ; mais, en 1644, malgré les instances de Charles 1^{er}, il quitta l’Angleterre. Il débarqua à Hambourg le 8 juillet 1644 et y demeura jusqu’en février 1645 ; puis il se rendit à Paris, où il arriva en avril et y passa les trois années suivantes. En 1648, il vint à Rotterdam et s’installa à Anvers sur la fin de la même année. Ses relations personnelles avec Descartes ne peuvent donc se placer qu’en 1645 (entre février et avril) et en 1648. » (AT. IV. P.577).

das diversas partes do corpo até o cérebro. Desse tema, ele fala mais detidamente no *Tratado das paixões* de 1649 e com Elisabeth ainda em 1645. Em sua teoria, da mesma forma que sentimos qualquer objeto externo, os nervos que estão nas partes do corpo se movem e, como se estendem até o cérebro, fazem a parte mais próxima do cérebro se mover e a alma (situada na glândula pineal) é excitada por esse movimento. Mais a frente diz que explicou esse movimento mecânico na *Dioptrica*¹², publicada em 1637, em relação ao nervo óptico e diz ser o mesmo para a fome e a sede.

Em relação ao que acreditamos ser a segunda pergunta feita pelo Marquês, Descartes começa respondendo que “pela causa geral de todos os movimentos que existem no mundo, não posso conceber outro senão Deus”, e que, além disso, essa substância infinita não só criou todos os movimentos, como também preserva essa matéria e preserva nela o movimento que nela colocou, o que ficou conhecido como a teoria da criação continuada em Descartes¹³. Após essas respostas ele expõe um resumo da segunda, terceira e quarta partes dos *Princípios da Filosofia* e fala sobre a ideia de vácuo.

Por fim, gostaríamos de comentar com mais detalhe o trecho em que Descartes afirma que a conservação da saúde sempre foi seu principal objetivo nos estudos. Depois do resumo dos *Princípios* que foi precedido por uma explicação da fome e da sede, do movimento dos filetes e da teoria da criação continuada, Descartes fala que seu principal objetivo foi o estudo da conservação da saúde. Como não terminou seus estudos, fala que é apenas da opinião de Tibério, a saber, que deseja que os homens, chegando a idade de trinta anos, possam ser seus próprios médicos. Ademais, Descartes expôs sua opinião de que cada um poderia ser seu próprio médico se seguisse o conselho do oráculo de Apolo não só nessa carta, como três anos depois a Frans Burman quando este lhe questionou sobre quais alimentos comer e como, e já no *Discurso do Método* de 1637, expôs a ideia que uma filosofia renovada nos tornaria “mestres e senhores da natureza” porque se o sujeito fosse sábio e atencioso ele poderia sozinho observar o que é melhor à sua saúde.

¹² [NT] Esse esquema foi desenhado por Descartes e exposto no *Tratado do Homem*, (figura número 7, apêndice ed. AT XI) mostrando o caminho da sensação, a saber, do fogo externo, sendo recebido pelo homem através do pé e passando por todo o filete nervoso, chegando no cérebro e, conseqüentemente, na glândula pineal.

¹³ [NT] Para um maior aprofundamento na questão, ver ROCHA, Ethel. *Animais, homens e sensações segundo Descartes*. Kriterion, BH, nº110, dez/2004, p.350-364.

Correspondance Descartes à Newcastle, octobre 1645

[AT IV 325/ Clerselier I 153] “Monseigneur,

La lettre que V. E. m’a fait l’honneur de m’écrire le 19 de Juin¹⁴, a été quatre mois par les chemins, et le bonheur de la recevoir ne m’est arrivé qu’aujourd’hui; ce qui m’a empêché de pouvoir plus tôt prendre cette occasion, pour vous témoigner que j’ai tant de ressentiment des faveurs qu’il vous a plu me faire, sans que je les aie jamais pu mériter, et des preuves que j’ai eues de votre bienveillance par le rapport de Messieurs N. et M. et d’autres, [Clerselier I 154] que je n’aurai jamais rien de plus à cœur, que de tâcher à vous rendre service en tout ce dont je pourrai être capable. Et comme l’un des principaux fruits que j’ai reçus des écrits que j’ai publiés, est que j’ai eu l’honneur [AT IV 326] d’être connu de Votre Excellence à leur occasion, aussi n’y a-t-il rien qui me puisse obliger davantage à en publier d’autres, que de savoir que cela vous serait agréable. Mais, parce que le traité des animaux¹⁵, auquel j’ai commencé à travailler il y a plus de quinze ans, présuppose plusieurs expériences, sans lesquelles il m’est impossible de l’achever, et que je n’ai point encore eu la commodité de les faire, ni ne sais point quand je l’aurai, je n’ose me promettre de lui faire voir le jour de longtemps. Cependant je ne manquerai de vous obéir en tout ce qu’il vous plaira me commander, et je tiens à très grande faveur, que vous ayez agréable de savoir mes opinions touchant quelques difficultés de Philosophie.

Je me persuade que la faim et la soif se sentent de la même façon que les couleurs, les sons, les odeurs, et généralement tous les objets des sens extérieurs, à savoir par l’entremise des nerfs, qui sont étendus comme de petits filets depuis le cerveau jusqu’à toutes les autres parties du corps; en sorte que, lorsque quelqu’une de ces parties est mue, l’endroit du cerveau duquel viennent ces nerfs se meut aussi, et son mouvement excite en l’âme le sentiment qu’on attribue à cette partie. Ce que j’ai tâché d’expliquer bien au long en la Dioptrique, et comme j’ai dit là que ce sont les divers mouvements du nerf optique, qui font sentir à l’âme toutes les diversités des couleurs et de la lumière, ainsi je crois que c’est un mouvement [AT IV 327] des nerfs qui vont vers le fond de l’estomac, qui cause le sentiment de la faim, et un autre des mêmes nerfs, et aussi de ceux qui vont vers le gosier, qui cause celui de la soif. Mais, pour savoir ce qui meut ainsi ces nerfs, je remarque que, tout de même qu’il vient de l’eau à la bouche, lorsqu’on a bon appétit, et qu’on voit

¹⁴ Nota dos editores AT : Lettre perdue. Réponse à la lettre CCCLXXII, p.188 ci-avant.

¹⁵ Nota dos editores AT : Voir ci-avant p. 247, C.

les viandes sur table, [Clerselier I 155] il en vient aussi ordinairement grande quantité dans l'estomac, où elle est portée par les artères, parce que celles de leurs extrémités qui se vont rendre vers là, ont des ouvertures si étroites et de telle figure, qu'elles donnent bien passage à cette liqueur, mais non point aux autres parties du sang. Et elle est comme une espèce d'eau-forte, qui, se glissant entre les petites parties des viandes qu'on a mangées, sert à les dissoudre, et en compose le chyle, puis retourne avec elles dans le sang par les veines. Mais si cette liqueur, qui vient ainsi dans l'estomac, n'y trouve point de viandes à dissoudre, alors elle emploie sa force contre les peaux dont il est composé, et par ce moyen agite les nerfs dont les extrémités sont attachées à ces peaux, en la façon qui est requise pour faire avoir à l'âme le sentiment de la faim. Ainsi on ne peut manquer d'avoir ce sentiment, lorsqu'il n'y a aucune viande dans l'estomac, si ce n'est qu'il y ait des obstructions qui empêchent cette liqueur d'y entrer, ou bien quelques humeurs froides et gluantes qui émoussent sa force, ou bien que, le tempérament du sang étant corrompu, la liqueur qu'il envoie en l'estomac soit d'autre nature qu'à l'ordinaire, (et c'est toujours quelque-une de ces causes qui ôte l'appétit aux malades); ou bien [AT IV 328] aussi, sans que le sang soit corrompu, il se peut faire qu'il ne contienne que peu ou point de telle liqueur, ce que je crois arriver à ceux qui ont été fort longtemps sans manger. Car on dit qu'ils cessent d'avoir faim après quelques jours; dont la raison est que toute cette liqueur peut être sortie hors du pur sang, et s'être exhalée en sueur, ou par transpiration insensible, ou en urine, pendant ce temps-là. Et cela confirme l'histoire d'un homme qu'on dit avoir conservé sa vie trois semaines sous terre sans rien manger, en buvant seulement son urine: car, étant ainsi enfermé sous terre, son sang ne se diminuait pas tant par la transpiration insensible, qu'il eût fait en l'air libre.

Je crois aussi que la soif est causée de ce que la sérosité du sang, qui a coutume de venir par les artères en forme [Clerselier I 156] d'eau vers l'estomac et vers le gosier, et ainsi de les humecter, y vient aussi quelquefois en forme de vapeur, laquelle le dessèche, et par même moyen agite ses nerfs, en la façon qui est requise pour exciter en l'âme le désir de boire. De façon qu'il n'y a pas plus de différence entre cette vapeur qui excite la soif, et la liqueur qui cause la faim, qu'il y a entre la sueur, et ce qui s'exhale de tout le corps par transpiration insensible.

Pour la cause générale de tous les mouvements qui sont dans le monde, je n'en conçois point d'autre que Dieu, lequel, dès le premier instant qu'il a créé la matière, a commencé à mouvoir diversement toutes ses parties, et maintenant, par la même action qu'il conserve cette matière, il conserve aussi en elle tout autant de mouvement qu'il y en

a mis. Ce que j'ai [AT IV 329] tâché d'expliquer en la seconde partie de mes Principes¹⁶. Et en la troisième¹⁷, j'ai décrit si particulièrement de quelle matière je me persuade que le Soleil est composé; puis, en la quatrième¹⁸, de quelle nature est le feu, que je ne saurais rien ajouter ici, qui ne fût moins intelligible. J'y ai aussi dit expressément, au 18e article de la seconde partie, que je crois qu'il implique contradiction qu'il y ait du vide, à cause que nous avons la même idée de la matière que de l'espace; et parce que cette idée nous représente une chose réelle, nous nous contredirions nous-mêmes, et assurerions le contraire de ce que nous pensons, si nous disions que cet espace est vide, c'est-à-dire, que ce que nous concevons comme une chose réelle, n'est rien de réel.

La conservation de la santé a été de tout temps le principal but de mes études, et je ne doute point qu'il n'y ait moyen d'acquérir beaucoup de connaissances, touchant la Médecine, qui ont été ignorées jusqu'à présent. Mais le traité des animaux que je médite, et que je n'ai encore su achever¹⁹, n'étant qu'une entrée pour parvenir à ces connaissances, je n'ai gardé de me vanter de les avoir; et tout ce que j'en puis dire à présent est que je suis de [Clerselier I 157] l'opinion de Tibère, qui voulait que ceux qui ont atteint l'âge de trente ans, eussent assez d'expériences des choses qui leur peuvent nuire ou profiter, pour être eux-mêmes leurs médecins²⁰. [AT IV 330] En effet, il me semble qu'il n'y a personne, qui ait un peu d'esprit, qui ne puisse mieux remarquer ce qui est utile à sa santé, pourvu qu'il y veuille un peu prendre garde, que les plus savants docteurs ne lui sauraient enseigner. Je prie Dieu de tout mon cœur pour la conservation de la vôtre, et de celle de M. votre frère²¹, et suis, etc. »

¹⁶ Nota dos editores AT : Art. XXXVI.

¹⁷ Nota dos editores AT : Art. LIV.

¹⁸ Nota dos editores AT : Art. LXXX et suiv.

¹⁹ Nota dos editores AT : Voir ci-avant p. 326, l.5.

²⁰ Nota dos editores AT : Suétone, *Vie de Tibère*, art. LXIX.

²¹ Nota dos editores AT : Charles Cavendish.

Tradução de “Correspondance Descartes à Newcastle, octobre 1645”

Senhor,

A carta que V. E. me fez a honra de escrever no dia 19 de junho esteve quatro meses na estrada e a felicidade de recebê-la só me aconteceu hoje, o que me impediu de aproveitar mais cedo a oportunidade de lhe testemunhar que tenho tanto reconhecimento dos favores que lhe agradou fazer, sem que eu jamais tivesse podido merecê-los, e das provas de que tive de sua gentileza pelo relato dos Srs. N. e M. e outros, [Clerselier I 154] que nunca terei nada mais no coração do que tentar estar a seu serviço em tudo o que puder ser capaz. E como um dos principais frutos que recebi dos escritos que publiquei é que tive a honra [AT IV 326] de ser conhecido por Vossa Excelência nessa ocasião, então não há algo que poderia me compelir mais a publicar outros, do que saber que isso lhe seria agradável. Mas, porque o Tratado dos animais²², no qual comecei a trabalhar há mais de quinze anos, pressupõe várias experiências sem as quais me é impossível completá-lo, e que ainda não tive a oportunidade de fazê-las, nem mesmo sei quando as terei, eu ousou me prometer escrevê-lo há muito tempo. No entanto, não deixarei de obedecer-lhe em tudo o que lhe agrada e me pedir e sou muito grato que goste de saber minhas opiniões a respeito de algumas dificuldades da Filosofia.

Eu me persuado que a fome e a sede se sentem do mesmo modo que as cores, os sons, os cheiros e, geralmente, a todos os objetos dos sentidos externos, a saber, através dos nervos que se estendem como pequenos fios do cérebro a todas as outras partes do corpo; de modo que quando alguma dessas partes é movida, a parte do cérebro de onde provêm esses nervos também se move e seu movimento excita na alma o sentimento que atribuímos a essa parte. O que busquei explicar ao longo da Dióptrica, e como disse que são os vários movimentos do nervo óptico, que fazem sentir à alma todas as diversidades de cores e de luz, por isso acredito que seja um movimento [EM IV 327] dos nervos que vão para o fundo do estômago que causa o sentimento de fome, e outro dos mesmos nervos, e também daqueles que vão para a garganta que causam sede. Mas, para saber o que move esses nervos desse jeito eu noto que, tudo que vem dar água na boca, quando temos um bom apetite, e quando vemos as carnes na mesa, [Clerselier I 155] vem também

²²[NT] Entendemos que “Tratado dos animais” seria o que depois foi escrito e publicado como “Tratado do homem”. Descartes fala em “Tratado dos animais” ainda em carta a Elisabeth de 6/10/1645 e Carta a Mersenne de 23/12/1646.

geralmente uma grande quantidade no estômago onde é transportado pelas artérias, porque as de suas extremidades que vão para lá têm aberturas tão estreitas e de tal forma que dão boa passagem a este líquido, mas não para as outras partes do sangue. E ele é como uma espécie de água-forte²³ que, escorregando entre os pedacinhos das carnes que comemos, serve para dissolvê-los e compor o quilo²⁴, depois volta com eles para o sangue pelas veias. Mas se este líquido, que assim entra no estômago, não encontra carne para se dissolver, então ele emprega sua força contra as peles de que é composto o estômago, e por este meio agita os nervos cujas extremidades estão ligadas a essas peles de modo necessário a fazer a alma sentir fome. Portanto, não se pode deixar de ter essa sensação quando não há carne no estômago, exceto se há obstruções que impedem esse líquido de entrar nele ou então alguns humores frios e viscosos²⁵ que enfraquece sua força, ou então que, o temperamento do sangue sendo corrompido, o líquido que ele envia ao estômago seja de outra natureza que a usual (e são sempre algumas dessas causas que suprimem o apetite do doente); ou [AT IV 328] também, sem que o sangue seja corrompido, pode ser que contenha pouco ou nenhum líquido, o que eu acredito acontecer àqueles que passaram muito tempo sem comer. Porque se diz que eles param de ter fome depois de alguns dias; cuja a razão é que todo esse líquido pode ter saído do sangue puro e ter sido exalado no suor, ou pela transpiração insensível, ou na urina, durante esse tempo. E isso confirma a história de um homem que dizem ter mantido sua vida por três semanas debaixo da terra sem comer nada, bebendo apenas sua urina, porque estando assim trancado no subsolo, seu sangue não foi reduzido tanto pelo suor insensível, que ele teria feito ao ar livre.

Eu também acredito que a sede seja causada pelo fato de que a serosidade²⁶ do sangue, que tem o hábito de vir pelas artérias na forma [Clerselier I 156] de água para o estômago e para a garganta, e assim umedecê-los, ali às vezes também vem na forma de um vapor que o seca e do mesmo modo agita seus nervos da maneira que é necessária para despertar na alma o desejo de beber. De modo que não há mais diferença entre este vapor que excita a sede e o líquido que causa fome do que há entre o suor e o que exala de todo o corpo pela transpiração.

²³ [NT] Ácido nítrico estendido com água utilizado em técnicas de gravura em placas de cobre por ser muito oxidante e corrosivo. *aquae fortis* (cf. Béguin, A. *Dicionário técnico de Gravura*, Bruxelas, 2ª edição, 1998, p.346).

²⁴ [NT] “Chyle [chyle], s. M. Fisiol. Quilo, líquido que se separa dos alimentos durante o acto da digestão, e que os vasos quilíferos levam à massa do sangue”. (AZEVEDO, Domingos de. *Grande dicionário Francês-português*”. Livraria Bertrand).

²⁵ [NT] Em um sentido figurativo, “persistente”.

²⁶ [NT] Nome de diversos líquidos do organismo.

Pela causa geral de todos os movimentos que existem no mundo não concebo outro senão Deus, o qual, desde o primeiro momento que criou a matéria, começou a mover todas as suas partes de várias maneiras, e agora, pela mesma ação que preserva esta matéria, Ele também preserva nela tanto movimento que nela a colocou. Isso que tentei explicar na segunda parte de meus Princípios. E na terceira, eu descrevi de maneira tão particular de qual maneira eu me persuadei do que o Sol é feito; depois, na quarta, de que natureza é o fogo, que eu não saberia acrescentar aqui que não seria menos inteligível. Disso eu também disse expressamente no artigo 18º da segunda parte, que acredito haver uma contradição que haja vácuo porque temos a mesma ideia de matéria e de espaço; e porque essa ideia representa para nós uma coisa real, nos contradizeríamos e garantiríamos o oposto do que pensamos se disséssemos que este espaço é vazio, isto é, que o que concebemos como uma coisa real, não é nada real.

A conservação da saúde sempre foi o principal objetivo dos meus estudos e não tenho dúvidas de que seja possível adquirir muitos conhecimentos sobre Medicina que foram até então ignorados. Mas o tratado dos animais sobre o qual medito e que ainda não pude completar, sendo apenas uma entrada para alcançar esses conhecimentos, e por isso tenho o cuidado de não me vangloriar de tê-los; e tudo o que posso dizer sobre isso agora é que sou da opinião [Clerselier I 157] de Tibério, que defendia que aqueles que atingiram a idade dos trinta anos possuíam experiências suficientes das coisas que lhes pudessem prejudicar ou beneficiar para serem seus próprios médicos. [AT IV 330] Na verdade, parece-me que não há ninguém que tendo um pouco de espírito que não possa observar melhor o que é útil à sua saúde, desde que queira tomar um pouco de cuidado, que os médicos mais doutos não lhe possam ensinar. Rezo a Deus de todo o coração pela preservação da sua e a do senhor seu irmão, e sou, etc.

Referências

- Centro di Studi su Descartes e il Seicento de l'Università del Salento Ettore Lojacono (CESDES). In: http://des_lettres.cartesius.net/
DESCARTES, R. *OEuvres de Descartes*. ADAM et TANNERY (Ed.). 12 vol. Paris: Léopold Cerf Imprimeur-Éditeur, 1897-1910.
AZEVEDO, D. de. *Grande dicionário Francês-português*. 4ª ed. Livraria Bertrand, 1952.
BÉGUIN, A. *Dicionário técnico de Gravura*, 2ª edição, Bruxelas: 1998.
ROCHA, Ethel. *Animais, homens e sensações segundo Descartes*. Kriterion, BH, nº110, dez/2004, p.350-364.

Tradução: Carta de Descartes

Recebido em: 12/11/2021

Aprovado em: 10/03/2022